

A pipa preta

Cristiane Dantas

Ilustrações Rogério Coelho

Temas Amadurecimento; Fantasia; Realidade social; Intertextualidade



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição

Série Azul

88 páginas

A AUTORA carioca Cristiane Dantas foi vencedora do 1º Concurso Literatura para Todos, organizado pelo MEC, antes de ter qualquer livro publicado. Em uma entrevista, ela contou que seu pai achava que comprar livros era desperdício, já que só eram usados uma vez. Mas a avó levava gibis para os netos toda semana e comprou para eles uma coleção de livros da Disney. Apaixonada por ficção desde pequena, para compor seus personagens, Cris inspira-se nas pessoas que encontra, que conhece ou que vê pelas ruas. Roteirista de TV há mais de dez anos, ela publicou seu primeiro livro infantojuvenil, *Vic*, pela SM, na Série Laranja da coleção Barco a Vapor.

O ILUSTRADOR Rogério Coelho trabalha com ilustrações desde 1997. Além de obras de literatura infantojuvenil, ele também ilustra livros didáticos e revistas. Seu trabalho já teve o reconhecimento de importantes instituições: Rogério recebeu a menção “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e três vezes a menção honrosa no Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre, no qual obteve, em 2007, o 1º lugar na categoria ilustração editorial.

Para conhecer um pouco mais sobre o ilustrador, visite o *blog*

rogeriocoelhoilustrador.blogspot.com/

O LIVRO As dificuldades que a mãe enfrenta para sustentar a família com seu trabalho de diarista, os dilemas éticos que se impõem a todo instante e a realidade de uma sociedade baseada no consumo e no desejo que, no entanto, só são satisfeitos por pequena parcela da população – não fazem parte das preocupações mais imediatas de Pedro: o que ele quer mesmo é uma pipa nova para substituir a pipa “maneiríssima” do Flamengo que o Buiú cortou com cerol. A mãe não quer nem ouvir falar no assunto, mas a avó, amorosa, consegue construir uma pipa com o papel de um embrulho que a mãe trouxe para casa, e aí começam as aventuras do menino. É a partir dessa premissa simples que Cristiane Dantas escreve um livro infantojuvenil de “gente grande”. Por meio de um narrador onisciente que adota o ponto de vista do menino, todas as questões sociais, embora filtradas por seu olhar, estão presentes de forma pungente, e, assim, o leitor acompanha o desenrolar do enredo e a forma com que o contexto social se impõe ao imaginário do personagem.



Mergulhando na temática

ROMANCES DE FORMAÇÃO

O termo “romance de formação” vem do alemão *Bildungsroman* e se refere a romances que narram os eventos que acontecem na vida de um personagem durante os anos de seu amadurecimento. Por essa razão, a palavra *Erziehungsroman*, algo como “romance de educação”, também pode ser utilizada para se referir a esse tipo de texto, que encontra seu ponto mais alto em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe. O elemento central desses romances gira em torno das experiências ou acontecimentos que marcam uma passagem, seja da infância ou adolescência para a vida adulta, seja de determinado grau de maturidade para uma nova compreensão do mundo e seus fenômenos. Na literatura inglesa, Charles Dickens costuma ser considerado um dos grandes expoentes desse tipo de romance. No Brasil, *O ateneu*, de Raul Pompeia, e *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, podem ser, até certo ponto, considerados romances de formação. Em *A pipa preta* o desenvolvimento do tema do amadurecimento de Pedro por meio de dada experiência torna o livro próximo do que poderíamos chamar de uma tradução desse assunto para o universo literário infantil.

REALISMO FANTÁSTICO

Também conhecido por **realismo maravilhoso**, esse estilo literário se desenvolveu largamente na literatura latino-americana; alguns dos autores mais consagrados que se encaixam nesse perfil são Jorge Luis Borges, Julio Cortázar e Gabriel García Márquez.

INTERPRETANDO O TEXTO

UMA JANELA PARA O MUNDO

A pipa preta é uma narrativa dotada de complexidade literária que nem sempre se encontra em livros infantojuvenis, bebendo na fonte de textos canônicos para desenvolver com profundidade e clareza social um tema que é, ele próprio, a matriz de toda uma tradição literária: o dos ritos de passagem. Nesse sentido, *A pipa preta* possui parentesco com o que ficou conhecido como os **romances de formação** alemães, em razão do tema do amadurecimento e aprendizado; ao mesmo tempo, traz elementos que remetem ao **realismo fantástico**, além de rica gama de referências intertextuais a outras obras da literatura infantojuvenil.

Nesse livro poético, em que o onírico é mergulhado na realidade mais crua, a imagem da janela, que abre o texto, pode ser interpretada como a chave para a compreensão da obra: da mesma forma que a janela reaparece ao longo da história como símbolo do *apartheid* social entre vizinhos do Rio de Janeiro e da resolução desse conflito por meio do sonho e da imaginação, o livro em si se abre como uma janela para os leitores não familiarizados com o dia a dia, o linguajar e as condições de vida nas favelas. Ao mesmo tempo que inclui a questão da desigualdade social na pauta dos leitores, o livro o faz de uma perspectiva infantil, mas não infantilizada, e de uma justeza social admirável: a marginalidade está a um passo, a ética tem preço e, no entanto, a pobreza não é pretexto para a desonestidade. Nessa medida, a narrativa é também uma representação liberta tanto de preconceitos como de idealizações, que dá voz ao menino pobre da favela e, ao fazê-lo, dá voz a todas as crianças, independentemente da classe social.

As ilustrações de Rogério Coelho são parte integrante da composição da obra: fortemente baseadas no azul e no amarelo, contrapõem claro e escuro para realçar sentimentos como alegria e tristeza, a realidade da favela e a imaginação acerca dos prédios que Pedro avista de cima da laje, o calor escaldante que ele sente na areia e assim por diante. Logo na primeira página, a elaboração vertical, tanto da favela como do bairro de classe média em frente, produz um abismo entre a realidade em que Pedro vive e as condições de vida que ele imagina ser aquela dos meninos nos apartamentos altos e com imensas janelas envidraçadas. Distantes, os prédios são uma realidade da qual Pedro tem notícias apenas por meios indiretos. Assim, a maneira pela qual esse imaginário



Nessas obras, elementos irreais, mágicos ou impossíveis convivem com eventos banais da vida cotidiana de forma totalmente verossímil. Esses elementos são apresentados pelo autor e compreendidos pelo leitor como parte da “normalidade”, prescindindo de explicação ou justificativa. É a partir da aceitação da premissa de que tais eventos ou circunstâncias sejam possíveis naquele universo ficcional que o enredo pode ser desenvolvido. No caso de *A pipa preta*, a compreensão desse mecanismo literário é fundamental para gozar o texto em sua plenitude. É essencial perceber que, no livro, não há necessidade de explicação para o fenômeno vivido por Pedro, no sentido de julgá-lo real ou fictício em relação a uma realidade exterior “verdadeira”. Embora as aventuras se pareçam com um sonho, isso nunca é afirmado, e aí está parte do encanto do texto. Voar de pipa é a forma pela qual Pedro consegue levar adiante as agruras de seu cotidiano e encontrar um lugar no grupo social.

BULLY

Ainda não há em português um termo equivalente ao *bullying* do inglês, que se refere à prática de se impor aos outros não apenas pela força, mas, principalmente, pela exploração das fraquezas alheias. Muito comum em escolas, esse tipo de atitude vem atraindo a atenção de psicólogos e pedagogos em geral. Em *A pipa preta*, o comportamento do Buiú pode ser considerado uma alusão ao *bully*: é o menino que sempre sai ganhando porque usa artimanhas

se compõe, com todos os seus elementos de abundância, consumismo e ganância, será um dos temas centrais de sua “viagem”. Não por acaso, o catalisador dos eventos do enredo é um meio de transporte, ainda que inusitado: a própria pipa feita pela avó.

Cristiane Dantas equilibra elementos diversos no desenvolvimento do enredo da aprendizagem do menino. Aí estão a dualidade entre a visão do mundo de Pedro e sua cruel inserção no mundo real; o desejo de consumo e as questões pertinentes à infância, como a necessidade de aceitação pelo grupo; os desafios impostos pela presença do *bully* e as alternativas que o menino consegue conceber para lidar com ele. E é para abordar esse tema amplo e cheio de armadilhas que a autora se vale de ricos procedimentos literários, como o uso do *discurso indireto livre*, o recurso ao fantástico e ao onírico e a escolha do registro, em que as gírias aproximam o leitor de um universo possivelmente desconhecido. Em grande medida, a saída onírica é a representação do processo de amadurecimento do personagem e a solução, no âmbito da literatura, para o problema da desigualdade social e do desejo – e impossibilidade – de consumo. E aqui, mais uma vez, a autora faz uma escolha corajosa de literatura: como em obras do realismo fantástico, tudo aquilo de fato *acontece*. Embora pareçam saídas de um sonho – quando Pedro tenta correr e não consegue, por exemplo (p. 39) –, as aventuras jamais são justificadas com esse argumento fácil para resolver o problema da verossimilhança. A autora leva a narrativa onírica até o fim. A interpretação do livro fica a cargo do leitor: será que Pedro sonhou com a pipa voadora, fantasiou tudo aquilo enquanto empinava a pipa, o que é comum na imaginação das crianças, ou todas aquelas aventuras realmente aconteceram?



desonestas, além de intimidar e ridicularizar os demais. A trajetória de Pedro pode ser interpretada da perspectiva de seu amadurecimento e mudança de atitude ante o *bully*.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Em um texto narrativo, há três formas de introduzir as falas dos personagens: o discurso direto, o indireto e o indireto livre. No discurso direto, a fala é citada *ipsis litteris*, entre aspas ou após um travessão. No caso do discurso indireto, o narrador reconta o que o personagem diz. Já o discurso indireto livre é uma forma híbrida pela qual o narrador incorpora elementos da fala, do vocabulário, do repertório de mundo e dos sentimentos do personagem. Desse modo, embora não se atenha estritamente ao que o personagem consegue formular, a narração se aproxima dele, revelando, às vezes, mais do que ele próprio consegue ou tem a intenção de fazer.

PIPA

Esse brinquedo voador é também conhecido por outros nomes: papagaio, arraia, quadrado, pandorga. Apareceu na China mil anos antes de Cristo. Antigos panôs de seda mostram crianças brincando com pequenas pipas com formatos engenhosos. Antes de ser um brinquedo, era um dispositivo de sinalização militar. A cor da pipa, o padrão da pintura e os movimentos no ar eram executados para transmitir mensagens entre os campos. Os chineses antigos eram peritos em construir pipas enormes e leves e chegaram a pensar em empregar essa técnica para fazer o homem voar.

O MENINO E O MUNDO:

A REALIDADE SOCIAL SOB O PRISMA DA CRIANÇA

A narrativa começa com Pedro sentado na laje do barraco onde mora com a mãe e a avó, esperando ansiosamente a mãe chegar do trabalho. Essa simples caracterização já situa o leitor em relação a um traço da vida de muitas crianças do país: a ausência da figura masculina e a presença da mãe como chefe da família. Não há menção ao pai de Pedro. Teria abandonado a mãe? Estaria morto? Vale lembrar aqui que essa estrutura é tão constitutiva de nossa sociedade que mesmo projetos sociais do governo brasileiro optam por cadastrar e repassar os benefícios para as mulheres da família.

De cima da laje, Pedro observa as grandes janelas dos apartamentos ricos, em um dos quais a mãe trabalha como faxineira. Seus pensamentos revelam a natureza da distinção entre ele e os meninos que se escondem atrás das janelas onde nunca são vistos: se tivesse uma janela, Pedro diz que ficaria contemplando a vista. Como se sabe, as favelas do Rio de Janeiro, nos morros, têm vistas privilegiadíssimas. Assim, o que a limitação do raciocínio do personagem mostra ao leitor é que seu anseio, na verdade, não se refere à janela, como ele imagina, mas a uma condição de vida em que haja espaço para o prazer da contemplação. Aqui já começa a se delinear o jogo que o livro estabelece entre o ponto de vista do menino, ao qual a narração onisciente está vinculada especialmente pelo uso do discurso indireto livre, e o mundo real em que ele está inserido e que apenas passa a reconhecer, com todas as inquietudes e dificuldades que esse processo implica.

Além da limitação da vida social, Pedro tem de encontrar seu lugar no mundo e no grupo a que pertence. A vontade de usar o cerol, duramente reprimida pela mãe, nada mais é do que um apelo ao mundo do ilícito, o qual, vale deixar claro, não se oferece apenas às crianças das favelas.

A tessitura literária que deve ser observada é a da sutileza: Pedro não fala no pai, não questiona as estratégias do Buiú nem reclama da disparidade entre sua vida e a dos meninos por trás das janelas. O desenvolvimento do texto de Cristiane Dantas é que insere, de forma indireta, esses elementos.

O AMADURECIMENTO

A aventura de Pedro começa quando avista a mãe. Ele desce correndo para pedir uma **pipa** nova, porque o Buiú tinha cortado a sua com cerol (p. 12-14):



Tentaram construir uma pipa de papel com armação de bambu, que tinha um suporte para segurar com as mãos, como na asa-delta. Mas seria necessário um vento forte e contínuo para mantê-la no ar.

Da China, as pipas viajaram para o Japão, para a Índia e, posteriormente, para a Europa. Em cada nova terra a que chegavam, sua primeira aplicação era militar, mas havia outras funções: em algumas ilhas do Pacífico, por exemplo, pipas feitas com folhas de bananeira ainda hoje são usadas na pesca.

No século XII, na Europa, as crianças empinavam “pipas cantantes”, que assobiavam por causa de pequenos furos feitos no papel e pelo uso de cordas que vibravam com o vento. Em 1752, o norte-americano Benjamin Franklin, em uma experiência famosa, pendurou uma chave de metal à linha de uma pipa durante uma tempestade e, atraindo uma faísca elétrica, demonstrou a natureza elétrica do raio.

A pipa chegou ao Brasil com os portugueses e há notícias de que foi usada por sentinelas, no Quilombo dos Palmares, também como sinalizadora de perigo.

Os tipos de pipa mais conhecidos são o de três varas, o de cruzeta e o de caixa.

Para saber mais

ATZINGEN, Maria Cristina Von. *História do brinquedo* – Para crianças conhecerem e os adultos se lembrarem. São Paulo: Alegro, 2001.

“Era uma pipa maneiríssima, com escudo do Flamengo e tudo. Até a rabiola era preta e vermelha. Deu uma tristeza no Pedro lembrar dela avoadada, soltinha no céu... E depois o Buiú desenganchando a pipa dos galhos da mangueira. Chegou a doer o coração.

– O Buiú cortou ela...

– Bem feito! Quem manda ser otário? Não sabe que o Buiú usa cerol?

– Seeei... – ele respondeu, com bico de choro.

– Então, não tinha nada que soltar pipa perto dele! Perdeu a pipa porque quis! A culpa é tua, que é burro!

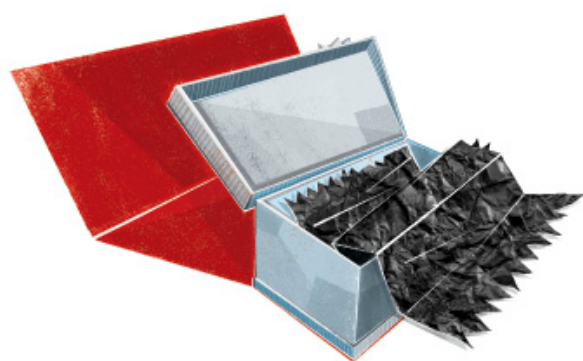
Aí também era demais. O Pedro não se aguentou e perdeu a noção do perigo:

– A culpa é tua, que não deixa eu usar cerol! Se eu usasse cerol, eu... Ai!

Não deu nem para desviar. O cascudo pegou bem na viradinha do cocuruto (...)

Nesse trecho, vários elementos constitutivos do texto podem ser observados. Em primeiro lugar, o uso do discurso indireto livre. Quem diz que a pipa era “maneiríssima” é o narrador onisciente, mas a escolha das palavras revela que ele se aproxima da consciência e do vocabulário de Pedro. O mesmo se dá com o resto do parágrafo e em muitas outras partes do livro. Embora seja o discurso do narrador, as palavras, o raciocínio, o tom e a emoção são de Pedro. Com essa estratégia, a autora consegue definir o ponto de vista do livro, que é o do menino, sem se comprometer com uma narrativa na primeira pessoa, que eliminaria outros detalhes de que Pedro não tem consciência – como o que a avó sente em relação à mãe, por exemplo. Permite, também, que a voz de sua consciência seja mais elaborada, já que não se limita estritamente ao que ele diz ou consegue organizar em seus pensamentos.

O diálogo entre mãe e filho situa o leitor. Pedro é uma criança cujo caráter está em formação e a mãe possui uma retidão de caráter que está empenhada em passar ao filho. Embora a retórica da esperteza e da malandragem seja evidente em seu discurso, como quando ela diz que ele foi “otário”, o valor da honestidade está bem sedimentado: ela não permite sequer a menção ao uso do cerol. Pedro está preocupado em ser aceito no grupo e, segundo as opções oferecidas pelo livro até esse ponto, ele pode obedecer à mãe ou procurar seguir o exemplo dos outros garotos. Essa é a situação que abre a história.



No entanto, a saída literária é diversa. São as experiências que Pedro tem quando “viaja” com a pipa que dão a ele as condições de optar pela brincadeira saudável e honesta. Quando a mãe chega, traz um par de meias da “madame” que ela furou acidentalmente e que vai lhe custar dois dias de trabalho a mais, dinheiro que certamente fará falta. O menino não compreende todas as implicações, mas descobre a razão da braveza da mãe. A avó, referência de afetividade, carinho e aconchego, faz uma pipa desengonçada com o embrulho da meia. Essa é a pipa preta, que Pedro acha que nunca vai voar, mas que, enquanto ele fica absorto em seus pensamentos, revela não só ser capaz de voar, como também de levá-lo a lugares incríveis. O valor que a pipa adquire faz com que Pedro se sinta mais seguro. Ele descobre um valor para si nas viagens com a pipa e, assim, no universo da brincadeira, dá um passo definitivo no processo de formação de caráter. Ao final da narrativa, seguro e determinado, ele pode convidar o Buiú para um duelo limpo, sem cerol e sem trapaças: de igual para igual.

REFERÊNCIAS E INTERTEXTUALIDADE

Quando Pedro começa a viajar com a pipa, a narrativa também envereda por um caminho cheio de referências literárias. A primeira e mais óbvia é ao clássico infantil *João e o pé de feijão*. As semelhanças são tão evidentes quanto relativas, na medida em que a autora atualiza a fábula para o contexto contemporâneo. Partindo de uma realidade de pobreza, o menino sobe não por um pé mágico de feijão, mas por uma pipa que voa e o leva para as alturas até um lugar inesperado, no céu. Lá, encontra não um castelo, mas um arranha-céu gigantesco, com janelas parecidas com as janelas que Pedro inveja nos grandes edifícios cariocas, e é por uma delas que ele entra. Encontra não ovos de ouro, mas uma abundância de tudo o que seu desejo de consumo e seu repertório de menino da favela lhe permitem sonhar: brinquedos, comida, guloseimas. E ele se diverte até cansar quando não um gigante, mas uma mulher incrivelmente obesa aparece para lhe cobrar a conta. Também aqui não se trata de uma simples perseguição ou de um roubo. Na sociedade de consumo, tudo parece estar ao alcance das mãos. Mas então vem a dura realidade do mundo contemporâneo, nas palavras da gorda: “Agora, paga”.

Como resolver esse problema? A resposta chega por meio de mais um expediente mágico. A mulher chama o micão,

uma espécie de empregado, que leva Pedro até uma árvore cheia de dinheiro e lhe explica que ele deve colher as folhas que servem de alimento para sua chefe. Aqui há a referência à célebre frase “Você pensa que dinheiro dá em árvore?!” e uma inversão, já que o menino deveria pagar com folhas verdes em vez de notas de dinheiro. Mas a missão se torna impossível, pois a árvore está repleta de lagartas vorazes que nem sequer deixam os brotos despontar. Pedro escala a árvore na tentativa de encontrar algum e avista a pipa enganchada em um galho alto. Imediatamente ele a recolhe e é levado, no voo da pipa, para longe da mulher ameaçadora e sua gulodice.



Pedro chega a um deserto, uma paisagem parecida tanto com as praias que ele provavelmente conhece como com imagens de desenho animado. Ali, reconhece uma poça d'água, que imagina ser uma lagoa, e resolve correr até ela. Neste ponto, Pedro já aprendeu pelo menos uma lição: a de valorizar o que tem. Ele segura a pipa preta e a leva bem junto de si, já que “estava furada e não voava, mas era a única coisa que ele conhecia naquele deserto que não tinha fim” (p. 59). Quando se joga na “lagoa”, percebe que é muito rasa e que a água terminou de destruir a pipa preta. Começa então a chorar tão copiosamente que a poça se torna realmente uma lagoa. Esta cena remete a *Alice no País das Maravilhas*. Como na obra de Lewis Carroll, Pedro se envolve em uma série de episódios fantásticos e, a certa altura, passa a se preocupar em voltar para casa. Neste ponto, o livro de Cristiane Dantas retoma também o mote d'*O Mágico de Oz*, no qual Dorothy percorre uma trajetória cheia de desafios para conseguir voltar para casa. Em ambos os casos, as personagens estão sonhando ou desacordadas, o que pode ou não ser o caso do menino do morro carioca.

Fica claro que os elementos que compõem a aventura de Pedro são fruto de seu repertório: o lugar desconhecido a que chega é a imagem que ele faz dos grandes apartamentos por trás das janelas; os brinquedos que encontra são familiares, bem como os alimentos – frango de padaria, bolacha recheada –, e assim por diante. Este é mais um argumento que corrobora a interpretação do livro como um sonho ou a imaginação da criança enquanto brinca. Ambas são possíveis; o mais interessante, no entanto, é deixar essa decisão para o leitor.



DIALOGANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

1. Antes de propor a leitura de um livro como *A pipa preta*, vale a pena levantar com os alunos quais seriam suas expectativas em relação a uma história com esse título. Sobre o que eles imaginam que versará? Esse tipo de introdução, embora breve, suscita a curiosidade dos alunos.
2. Ainda antes de dar início à leitura do texto, um exercício de leitura das ilustrações é uma maneira interessante de levantar o que os alunos conhecem ou ouvem falar a respeito do Rio de Janeiro. Tomando-se o cuidado de não revelar, por meio das ilustrações, mais do que seria interessante antes da leitura, essa conversa pode ser uma forma de introduzir uma discussão sobre a convivência de bairros de classe média alta com as favelas e as consequências dessa conformação geográfica para as pessoas. Essa introdução prepararia um pouco os alunos para o texto, complexificando as leituras que eventualmente ficariam restritas ao caráter de aventura da história.



DURANTE A LEITURA

1. O registro escolhido pela autora talvez cause dificuldades para alguns alunos, especialmente devido ao uso de gírias que eles não conheçam. Retomar esse assunto com as crianças pode ajudá-las a aprender a fazer inferências e, inevitavelmente, a fazer uma leitura um pouco mais interpretativa do texto.
2. Via de regra, na sociedade brasileira, as crianças frequentam escolas segundo sua classe social e o bairro em que moram. Dificilmente haverá em uma mesma sala de aula a convivência de alunos que morem nos dois extremos, como os prédios de classe média e as favelas. Por essa razão, uma discussão acerca das imagens que uns têm dos outros, de acordo com o tipo de alunos da escola, pode acompanhar de forma construtiva a leitura do livro. Como os leitores de classes mais altas imaginam a vida de Pedro e vice-versa? De que acham que uns e outros brincam? A partir do que construíram essa imaginação (aqui, os efeitos da televisão devem ser sentidos e podem ser discutidos)? Como o dia a dia de uns pode ser comparado com o de outros? E o que eles têm em comum?

APÓS A LEITURA

1. É provável que os próprios alunos instaurem a discussão sobre o estatuto dos eventos do livro. Afinal, aquilo tudo foi um sonho, foi o que Pedro imaginou enquanto empinava a pipa ou aconteceu de verdade? Nesse caso, o papel do professor nada mais será do que o de mediador da discussão. Não se trata de

chegar a uma conclusão de quem teria razão, mas, sim, de estimular a conversa para que os alunos encontrem no texto subsídios para suas opiniões. A busca por esses subsídios levará os alunos, naturalmente, a fazer uma leitura mais cuidadosa.

2. Esse livro também pode suscitar discussões de natureza ética e literária. No primeiro caso, a mais óbvia se refere ao uso do cerol: a mãe de Pedro tinha razão? O que significa o final do livro? No segundo caso, vale a pena incitar os alunos a pensar em outros livros com os quais eles acham que *A pipa preta* tem similaridades. *Alice no País das Maravilhas* pode ser uma sugestão de leitura subsequente.
3. Atividades artísticas.

CONFEÇÃO DE UMA PIPA

É recomendável executar cada etapa desta atividade antes de aplicá-la aos alunos.

Materiais utilizados

- 2 folhas de papel de seda de cores diferentes
- 2 pedaços de bambu ou vareta japonesa (55 cm)
- linha 10 pura de algodão
- cola
- tesoura sem ponta

Modo de fazer

Para a pipa voar, é preciso entender que existem alguns procedimentos técnicos. Estes passos podem servir para ajudá-lo a orientar os alunos na confecção:

- a) Cortar o papel ao meio. Cortar um quadrado de uma das metades e passar cola em uma das varetas.
- b) Colar a vareta na diagonal. As varetas devem ter cerca de três dedos a mais do que a altura do quadrado.
- c) Amarrar bem a linha em uma das pontas da segunda vareta, que vai virar um arco.
- d) Apoiar a vareta na ponta da pipa e esticar a linha com cuidado até a outra ponta e amarrar.
- e) Com a vareta curvada e amarrada como um arco, colar a armação no papel.
- f) Recortar o papel de seda de outra cor e fazer as barbatanas. Colar nos dois lados de baixo da pipa.
- g) No ponto de cruzamento entre as varetas, fazer um furo pequeno de cada lado, com um palito.
- h) Passar a linha pelos furinhos e dar dois nós na parte da frente da pipa.



- i) Esticar a linha, sem puxar muito. Amarrá-la no pedaço da vareta que sobrou embaixo da pipa.
- j) Esticar a linha novamente, como no passo anterior, e dar uma laçada, fazendo uma argolinha. Prender aí a linha para empinar a pipa.
- k) Virar o brinquedo e dar mais duas voltas com a linha na ponta do arco, para envergá-lo um pouco mais.
- l) Com as sobras do papel, cortar três tiras bem compridas para fazer as caudas da pipa.
- m) Em seguida, colar com cuidado cada tira nas pontas da pipa.

IMPRESSÃO SOBRE TECIDO

É recomendável executar cada etapa desta atividade antes de aplicá-la aos alunos.

Materiais utilizados

- lixa d'água preta número 100 ou 150
- giz de cera colorido
- fita crepe
- ferro de passar roupa
- extensão elétrica
- camiseta branca lisa nova ou usada

Procedimentos didáticos

- a) Em roda, mostrar e comentar as ilustrações do livro.
- b) Formar grupos com quatro carteiras. Cada grupo receberá um pote com giz de cera colorido.
- c) Distribuir a lixa e pedaços de fita crepe. Para o conforto dos alunos, orientá-los a prender a lixa na mesa com fita crepe.
- d) Pedir que eles façam um desenho sobre a lixa. O tema pode ser sugerido a partir do livro.
- e) Esquentar o ferro de passar roupa. Somente o professor ou outro adulto manuseará o ferro.
- f) Em cima de uma mesa colocar a camiseta branca de um dos alunos. Centralizar a lixa na camiseta virada com o desenho para baixo. Passar o ferro sobre a lixa, bem quente, várias vezes, fazendo bastante pressão. Retirar a lixa. Está pronta a impressão do desenho do aluno na camiseta. O aluno poderá usá-la e lavá-la normalmente.

Para saber mais:

LUPTON, Ellen; LUPTON, Julia. *Eu que fiz*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

TATIT, Ana; MACHADO, Maria Silvia M. *300 propostas de artes visuais*. São Paulo: Loyola, 2003.



ELABORAÇÃO DO GUIA EVELISE GUIOTO (MESTRANDA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS PELA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA USP E BIBLIOTECÁRIA DA ESCOLA BEIT YAACOV) E LUCIANE PIRES GUARÁ (COORDENADORA DO CURSO DE ARTES PLÁSTICAS DA FACULDADE SANTA MARCELINA); PREPARAÇÃO ANNITA COSTA MALUFE REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA E MARCIA MENIN